

# **CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEMIÓTICA: conexão de saberes**

## *INFORMATION SCIENCE AND SEMIOTICS: connection between knowledge*

Maria Aparecida Moura  
Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP  
Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG  
[mamoura@eci.ufmg.br](mailto:mamoura@eci.ufmg.br), [cidamoura@gmail.com](mailto:cidamoura@gmail.com)

Comente este artigo no blog Ebibli = <http://encontros-bibli-blog.blogspot.com/>

### **RESUMO**

A Ciência da Informação (CI) é um campo de conhecimento que se caracteriza pela interdisciplinaridade. Esse fato se deve em grande medida a informação, objeto de estudos compartilhado pela CI e distintas áreas de conhecimento. Nos últimos anos foram desenvolvidos inúmeros estudos nos quais ficaram evidentes as interfaces existentes entre a Ciência da Informação e a Semiótica. Tais interconexões devem-se, sobretudo ao fato de a Ciência da Informação demandar uma melhor compreensão da informação no que concerne aos processos de significação. Nesse artigo busca-se identificar os pontos de convergência existentes entre a Ciência da Informação e a Semiótica tendo em vista ampliar a compreensão do fenômeno informacional na contemporaneidade através das perspectivas teóricas e práticas decorrentes dessa interação.

**Palavras-chave:** Informação. Ciência da informação. Semiótica.

## **1 INTRODUÇÃO**

O mundo tem passado por transformações sociais, culturais, políticas e técnicas numa velocidade nunca antes imaginada.

O surgimento das redes mundiais de informação adicionou sofisticação e agilidade aos meios de produção e disseminação da informação. Nesse contexto, a compreensão dos processos de significação tornou-se um dos principais desafios da Ciência da Informação (CI). O curso das últimas mudanças envolvendo a informação evidenciou a necessidade de articulações teóricas mais amplas, na medida em que a preocupação com o fenômeno informacional não é exclusividade de uma dada área de conhecimento.

Nos últimos anos cresceram de forma exponencial as áreas que necessitam compreender estruturalmente esse fenômeno. Tal crescimento, tem tornado cada vez mais comum o desenvolvimento de pesquisas cujo arcabouço teórico é fronteiro. E, embora as áreas busquem compreender o fenômeno em sua especificidade, compartilham, em determinados momentos, de interesses comuns em termos do campo de investigação. Esse

compartilhamento pode ser compreendido como um esforço interdisciplinar.

A interdisciplinaridade, compreendida de acordo com Domingues (2005: p.24) refere-se à aproximação de distintos campos disciplinares para a solução de problemas específicos. Nessa articulação, os campos disciplinares compartilham e inovam metodologias. Além disso, após o movimento cooperativo os campos podem se fundir ou gerar uma nova disciplina.

Na atualidade tornou-se complexo o domínio de um dado campo de conhecimento. Isso se deve, em grande medida, à excessiva especialização do sujeito cognoscente e à fragmentação do conhecimento.

A Ciência da Informação é notadamente uma ciência voltada para a compreensão dos fenômenos informacionais e se constitui pela aproximação de distintos campos de conhecimento.

A tentativa de estabelecer interfaces entre informação e semiótica efetiva-se como um desafio inelutável. De nossa perspectiva a centralidade do desafio reside na urgência do estabelecimento de uma “virada semiótica” na orientação dos estudos referentes aos processos informacionais.

Nesse cenário, temos a informação um dos objetos de estudos mais emblemáticos da teoria semiótica. A informação é compreendida, no escopo deste trabalho como as representações produzidas pela mente criadora dos homens a qual os auxilia na sua relação expressiva com o mundo. Como todo signo, tem caráter ágil e provisório. Na sua articulação, leva em consideração os dados fornecidos pela realidade e obedece às determinações da capacidade cognitiva do sujeito, dada, sobretudo por sua experiência colateral. Capacidade está potencializada nos processos de formação. A informação é um signo que se atualiza na interface com o sujeito.

“A primeira informação é a que nos vem no signo – sempre incompleta, sempre mais ou menos intensa ou extensa, isto é sempre mais ou menos vaga, e, o que é mais importante, sempre em movimento, em um constante tornar-se”. Isso equivale a dizer que o que quer que chamemos de qualidade da informação deverá levar em conta, sempre a sua vagueza e sua dinamicidade. (...) Nunca percebemos o signo de maneira cabal, porque ele, para fazer um trocadilho, não signi-fica, ele signi-vai. A rigor, e em última análise, a informação que buscamos (e nós mesmos, aliás) nunca fica paradinha, à nossa espera (apesar de acharmos que basta documentar, gravar, ou registrar essa informação para congelá-la, isto é, deter seu movimento de produção de sentido). (PINTO,1996: p.91-92)

Na perspectiva peirciana a informação envolve um processo de aquisição de

conhecimento. O conhecimento tem uma dimensão informacional e outra verbal. A dimensão verbal vincula-se a uma perspectiva simbólica e a informacional requer experiências mais amplas e vão além daquelas que se depreendem da compreensão dos símbolos. (JOHANSEN, 1993)

Nesse sentido,

Todas as palavras, sentenças, livros e outros signos convencionais são símbolos. Falamos de escrever ou pronunciar a palavra “homem”, mas isso é apenas uma réplica ou materialização da palavra que é pronunciada ou escrita. A palavra, em si mesma, não tem existência, embora tenha ser real, consistindo em que os existentes deverão se conformar a ela. É um tipo geral de sucessão de sons, ou representamens de sons, que só se torna um signo pela circunstância de que um hábito ou lei adquirida levam as réplicas, a que essa sucessão dá lugar, a serem interpretadas como significando homem. Tanto palavras quanto signos são regras gerais, mas a palavra isolada determina as qualidades de suas próprias réplicas. (PEIRCE apud SANTAELLA, 2004: p. 135-136).

Na contemporaneidade as mediações digitais tornaram-se fundamentais nos processos de modelização dos contextos semióticos. Tais contextos auxiliam os pesquisadores e os diversos profissionais na compreensão dos processos de significação realizados pelos seres humanos em interação com os dispositivos tecnológicos.

Em virtude desse fato, a Semiótica ganhou notoriedade na medida em que ela se apresenta como uma disciplina filosófica que pretende explicar e interpretar o conhecimento. Para tanto, analisa os fatos de uma perspectiva simultaneamente fenomenológica e ontológica. Assim, um estreitamento nas relações entre Semiótica e Ciência da Informação tornou-se, nos últimos anos, perceptível e desejável.

## **2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Pensada na origem como uma ciência interdisciplinar, a Ciência da informação nasce inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. Sua principal função é produzir conhecimentos que contribuam para a solução de problemas relacionados à organização de sistemas de informação especializados na incorporação, sistematização, disseminação e recuperação da informação.

González de Gómez (2003: p.32) afirma que a Ciência da informação é um campo voltado para o estudo dos

“Fenômenos, processos, construções, sistemas, redes e artefatos de informação, enquanto informação for definida por ações de informação, as quais remetem aos atores que as agenciam, aos contextos e situações em que acontecem e aos regimes de informação em que se inscrevem.”

Saracevic (1996) assinala que a Ciência da Informação é um campo dedicado às questões científicas e as práticas profissionais voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual, do uso e das necessidades de informação. Dentre suas várias funções está a de descrever intelectualmente a informação. Como afirma CAPURRO (1991:3-4)

“Os seres humanos são processadores biológicos de informação. A informação é realidade duplamente codificada. A Ciência da Informação pretende estudar a informação em si mesma, ou seja, contribuir para sua análise e sua construção.”

Cabe também à Ciência da Informação estabelecer uma abordagem científica consistente para o estudo dos vários fenômenos que cercam a noção de informação, sejam eles encontrados nos processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas. Assim, o assunto está ligado ao estabelecimento de um conjunto de princípios fundamentais que direcionem o comportamento em todo processo de comunicação. A função primordial da Ciência da Informação é o de articular sistemas de informação que operem no nível físico a diversidade comportamental apresentada pelos sujeitos na busca da informação.

Para desempenhar esta função a Ciência da Informação dialoga necessariamente com as áreas que envolvem: a efetividade da comunicação humana, o conhecimento a informação e seus registros, as necessidades e os usos da informação, seus contextos sociais, institucionais e individuais. Esse diálogo é, contudo, entrecortado pela complexidade oriunda da multiplicidade de perspectivas postas na compreensão do fenômeno informacional.

Segundo Capurro (2003) os paradigmas epistemológicos da Ciência da informação têm como ponto de partida a Biblioteconomia clássica. Assim, de acordo com referido autor, a CI conta hoje com a co-existência de três paradigmas: o físico, o cognitivo e o social.

O paradigma físico estabelece uma analogia entre a veiculação física de um sinal e a transmissão de uma mensagem. Nesse modelo os aspectos cognitivos e semióticos relativos à interação entre os sujeitos e a informação não são considerados.

O paradigma cognitivo incorpora a idéia de sujeito cognoscente partindo do

pressuposto de que a informação tem origem num estado cognitivo anômalo de conhecimento que se manifesta como uma necessidade informacional.

O paradigma social procura romper com as duas perspectivas precedentes ao incorporar a constituição social dos processos informativos concretos. Nesse sentido, “o trabalho informativo é um trabalho de contextualizar ou recontextualizar praticamente o conhecimento.” (CAPURRO, 2003: p.9).

A Ciência da Informação, como toda ciência nova, sofre fortes pressões com o intuito estabelecer uma avaliação substancial quanto ao seu percurso teórico-metodológico. Estas pressões situam-se em três eixos: na compreensão das mudanças tecnológicas e a suas funções na comunicação da informação; no papel social e econômico da informação e na a efetivação do diálogo interdisciplinar.

Por efetivar-se como área do conhecimento que opera fundamentalmente com a linguagem, deve buscar compreender esse fenômeno nos diversos níveis. Para tanto, a Ciência da Informação utiliza-se freqüentemente dos estudos implementados em outros campos do conhecimento que têm a linguagem como objeto de estudos central ou tangencial.

Todavia, a simples transposição dos resultados dos estudos implementados em outros campos do conhecimento, não ocorre sem traumas. Isso se deve ao fato de que a incorporação desses conhecimentos sem um relativo acúmulo investigativo constitui-se numa ferramenta inócua para dar conta dos problemas específicos da Ciência da Informação.

A Ciência da informação identifica-se enquanto um campo de conhecimento que estuda a informação ancorada no tecido social. Isso significa dizer que ela envolve uma dinâmica de significação, de produção e circulação de signos e numa rede de atos de enunciação semiótica. Essa interação requer a consolidação de diálogos interdisciplinares nos quais a mediação, a formação e a interação informacional sejam evidenciadas tornando possível compreender, no âmbito da Ciência da Informação, o modo como sujeitos e informações se articulam semioticamente.

### **3 A SEMIÓTICA E OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO**

“Pessoas diferentes têm modos maravilhosamente diferentes de pensar.”  
Charles Sanders Peirce

A revolução industrial impulsionou a proliferação e a difusão de informações e mensagens e criou neste ambiente, os elementos necessários ao surgimento de uma consciência semiótica. Essa consciência intensificou a necessidade de constituição de um campo científico que fosse capaz de criar dispositivos de indagação e instrumentos metodológicos próprios para analisar os fenômenos sógnicos.

Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência geral dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura. Ela tem por tarefa estudar todos os tipos possíveis de ações sógnicas, quer apresentem referências humanas, animais ou artificiais.

A consciência sógnica, assinalada anteriormente, deu origem a três perspectivas distintas de estudos da semiótica: uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental.

Por tratar-se de um campo de conhecimento extremamente amplo, no âmbito desse trabalho nos deteremos na análise das contribuições da Semiótica de matriz norte americana que teve origem nos trabalhos do lógico Charles Sanders Peirce (1839-1914).

Peirce compreendia a semiótica como uma filosofia dos signos, o que significa dizer que a mesma estuda a essência genuína do signo, o seu modo de ser e a sua estrutura básica. A tese central da Semiótica peirciana informa que todo o pensamento se dá em signos. Sendo assim, os gestos, as idéias, as cognições e até o próprio homem são considerados entidades semióticas. Nesse contexto, signo é entendido como alguma coisa que representa algo para alguém.

Para o teórico, a tarefa principal dos filósofos era criar uma doutrina capaz de, através de suas categorias, contribuir para a análise de todas as experiências possíveis. Tendo como ponto de partida, sua insatisfação com as categorias aristotélicas, consideradas mais lingüísticas do que lógicas, Peirce dedicou-se a elaboração de um novo complexo categorial. Esse esforço teórico objetivava estabelecer categorias de análise dos fenômenos que tivessem um caráter mais universal. Segundo Zecchetto (2005: p.49),

“Peirce buscaba aquella universalidad de pensamiento que le permitiera comprender la totalidad del mundo, y para ello vio la necesidad de elaborar un sistema con categorias los más ampliamente abarcativas de las realidades conocidas y cognoscibles. Su perspectiva semiótica tiende, pues, a ser una filosofia del conocimiento.”

Desse modo, chegou-se a tríade de categorias universais: *Firstness* (primeiridade), *Secondness* (secundidade) e *Thirdness* (terceiridade).

A primeiridade, de acordo com Nöth (1995), corresponde ao sentimento imediato e sem reflexão presente nas coisas. Nesse aspecto, é mera possibilidade irrefletida, algo que vem à mente no instante presente.

A secundidade se refere ao movimento de ação e reação. É uma categoria de relação entre ações, fatos, experiências posicionadas no tempo e espaço.

A terceiridade é a categoria da mediação que tem por função relacionar um segundo a um terceiro numa síntese intelectual. Corresponde a inteligibilidade dos do pensamento em signos.

Pode-se afirmar ainda que as categorias filosóficas peircianas referem-se a três formas de ver o mundo.

<i>TRÊS MANEIRAS DE VER O MUNDO</i>		
PERTO DE MAIS	SENSAÇÃO	PRIMEIRIDADE
MAIS OU MENOS PERTO	AÇÃO E REAÇÃO	SECUNDIDADE
LONGE	RAZÃO	TERCEIRIDADE

Peirce defendia a criação de novas palavras para designar novos significados científicos. A esse movimento denominou-se “ética da terminologia”, pois para o autor é fundamental,

“Considerar indispensável a introdução de novos sistemas de expressão quando novas conexões importantes entre conceitos venham a ser realizadas, ou quando tais sistemas possam, de alguma forma, servir positivamente aos propósitos dos estudos filosóficos.” (PEIRCE, 1990, p.43)

Em virtude dessa preocupação a terminologia cunhada por Peirce é única e seu pensamento de árdua apreensão. Em sua trajetória intelectual não buscou seduzir os leitores com explicações e regras impositivas (repostas definitivas), deixou a estes o desejo de perquirir vencendo dificuldades inerentes a toda investigação filosófica e científica. É o próprio Peirce que nos diz em seu *The Collected papers*:

“Minha obra não transmite regras impositivas. Como um tratado de matemática, sugere certas idéias e fornece algumas razões para considerá-las verdadeiras; se o leitor as aceitar será porque teve por boas as razões, e a responsabilidade é dele. O homem é essencialmente, um animal social: ser social, entretanto, é uma coisa, e ser gregário é outra; declino do papel de guia de rebanho. Minha obra se destina a pessoas que *desejam perquirir*; os que desejam a filosofia mastigada podem buscar outro rumo; há botequins filosóficos em todas as esquinas, graças a Deus”. (PEIRCE, 1990: 3-14)

A semiótica peirciana influenciou vários estudiosos, dentre os quais Jakobson, o primeiro a perceber a importância da Semiótica de Peirce para a lingüística. (NÖTH, 1996: p. 111)

Dos inúmeros conceitos presentes nos estudos empreendidos por Peirce quatro mostram-se particularmente úteis à compreensão das atividades que envolvem o movimento tradutório de representação do conhecimento no qual, a ação do profissional da informação assume papel central. São elas: a semiose<sup>1</sup>, o signo<sup>2</sup>, o interpretante<sup>3</sup> e a observação colateral<sup>4</sup>. Esses conceitos podem fornecer uma contribuição efetiva na análise dos fenômenos informacionais, pois,

“... as definições e classificações de signo formuladas por Peirce são logicamente gerais, quase matemáticas. O nível de abstração exigido para compreendê-las é, sem dúvida, elevado. Entretanto, uma vez assimilado esse campo de relações formais, essa assimilação passa a funcionar para nós como uma espécie de visor ou lente de aumento que nos permite perceber uma multiplicidade de pontos e

---

<sup>1</sup> “(...) Por **semiose** entende-se, estritamente, a produção de sentido, processo infinito pelo qual, através de sua relação com o *objeto* (v.), o *signo* (v.) produz um interpretante que, por sua vez, é um signo que produz um interpretante e assim por diante.” (PINTO: 1995, 49). (...) A semiose é comandada, em última análise, por uma causa final, constituindo, assim, um processo télico, na medida em que **tende** (sem nunca chegar) para uma representação perfeita do objeto (o que poderia ser chamado de **verdade semiótica**). Em outras palavras, haveria um estágio “final” nessa cadeia em que o signo seria idêntico ao objeto (tudo isso é dito no futuro do pretérito por ser uma possibilidade, como vimos).

<sup>2</sup> “(...) o signo é da ordem da relação, o que quer dizer que ele é uma intersubjetividade baseada na representação, que é o fundamento da relação *signica*. Enquanto um ser relativo, ele transcende a clássica divisão entre o **ser do real** e o **ser da razão**. (...)” (PINTO, 1995:52).

<sup>3</sup> “Na estrutura indissolivelmente triádica do signo (v.), o interpretante é aquele termo que se produz da relação do signo com seu *objeto* (v.). A palavra **interpretante** não deve ser confundida com **intérprete**, nem com **interpretação** (isto é, o processo de interpretar). Entende-se o interpretante como um **conteúdo objetivo** que se depreende da referência que o signo faz a seu objeto e somente nesse sentido pode ser visto como uma interpretação”. (PINTO: 1995, 29)

<sup>4</sup> Por “observação colateral” não quero dizer familiaridade com o sistema de signos. O que é assim obtido não é COLATERAL. É, pelo contrário, o pré-requisito para se obter qualquer idéia significada pelo signo. Mas, por observação colateral entendo uma prévia familiaridade com aquilo que o signo denota. (PEIRCE, 1990:161)



distinguir sutis diferenciações nas linguagens concretas pelas quais estamos perpassados e com as quais convivemos.” (SANTAELLA, 1986, p.77)

Os referidos conceitos assumem relevância em virtude de envolverem e ressaltarem os aspectos de significação presentes nas relações que os homens estabelecem com o conhecimento.

Em virtude disso, podem ampliar os horizontes de atuação dos profissionais da informação na medida em que os incluem como elementos ativos e imprescindíveis aos processos sógnicos que ocorrem no recursivo universo informacional.

A recursividade, fluidez, imaterialidade e intactibilidade características dos produtos da criação contemporânea trouxeram à tona a máxima peirciana segundo a qual o mundo é povoado por signos, quando não talvez totalmente sógnico. Presente nessa máxima está do nosso ponto de vista, uma crença na força do pensamento humano, expresso através dos signos produzidos, bem como nos seus respectivos processos criativos.

Parece correto afirmar que, quando Peirce compreende o ser humano como signo, ele igualiza criador e criatura numa síntese interpretativa original e rica de significados.

Neste contexto de entendimento das categorias cunhadas por peirce é importante recuperar a noção de faneroscopia no âmbito de sua obra. O conceito se refere ao termo grego *faneron*, que significa aquele que se mostra, ou seja, o fenômeno.

Essa noção é importante porque Peirce acreditava que todo feito semiótico pode ser explicado pelos estados mentais do ser humano e se articula através das significações apreendidas nos grupos sociais e nas normas culturais.

#### **4 CONCEPÇÃO SEMIÓTICA: ENTRE O PROJETO E O GESTO**

A presença expressiva das tecnologias da informação nas diversas esferas da vida humana colocou em evidência várias questões a respeito do significado contemporâneo de criação e interpretação. Seria possível pensar em criatividade humana num ambiente criativo pleno de próteses tecnológicas? O que marca a criação nesses novos ambientes?

A criação é fruto de projetos específicos de expressão do pensamento. Ao plano norteador das ações dos criadores – material ou mentalmente concebido –, podemos denominar projeto semiótico, visto que por seu intermédio são reunidas perspectivas distintas

de semiose, com o objetivo de guiar os procedimentos de materialização e experimentação criativa.

A perspectiva de existência desse projeto semiótico ancorando a criação visa romper com uma visão espontaneísta a ela vinculada e pode acrescentar outros elementos na compreensão do fenômeno.

Neste contexto é que se conjectura que os gestos criadores resultam das dimensões incorporadas ao projeto semiótico por uma forma particular de concepção, a concepção semiótica. Por envolver a intenção ou a ação da mente, Peirce nomeou esse movimento de triplicidade intelectual. Segundo Peirce, o homem tem consciência de seu interpretante, da projeção do seu próprio pensamento em outra mente. Neste aspecto, acredita-se que,

“Um homem denota tudo aquilo que seja objeto de sua atenção num dado momento; conota tudo o que sabe ou sente a respeito desse objeto, e é a encarnação desta forma ou espécie inteligível; seu interpretante é a recordação futura desta cognição, seu ego futuro, ou outra pessoa a que ele se dirija, ou uma sentença que escreva, ou um filho que tenha.” (PEIRCE, 1990:309)<sup>5</sup>.

Assim, a concepção semiótica é a consciência que o homem tem da ação de seu interpretante em uma outra mente e o movimento que esse homem implementa, consciente ou inconscientemente, para influenciar essa outra mente. É o modo como um primeiro sujeito tenta intervir na semiose de outrem por intermédio da interação do intérprete com uma dada estrutura semiótica construída pelo primeiro. Neste aspecto, o interpretante resultante desse processo é influenciado também pela implementação de uma concepção semiótica orientadora.

Ao teorizar sobre essas intervenções dos sujeitos nos processos perceptivos de outros, Peirce não estava preocupado em explicitar a natureza moral do fenômeno, mas, antes, interessado em posicionar o homem como signo, como intérprete e gerador de novos signos, e em ressaltar que toda percepção é em si uma interpretação. Neste movimento, o autor revela, ainda, a inexistência da intuição como algo divino, recolocando-a entre as ações terrenas enquanto síntese e fruto de cognições anteriores. Assim, ressalta que,

“O resultado final do pensar é o exercício da volição e disso já faz parte o pensamento; mas a crença é apenas um estádio da ação mental, um efeito da nossa

---

<sup>5</sup> A man denotes whatever is the object of his attention at the moment; he connotes whatever he knows or feels of this object, and is the incarnation of this form or intelligible species; his interpretant is the future memory of this cognition, his future self, or another person he addresses, or a sentence he writes, or a child he gets. (CP 7591).

natureza sobre o pensamento, que influenciará o pensamento futuro.” (PEIRCE, 397).

Corroborando as afirmações explicitadas acima, Santaella (1998) salienta que para Peirce as primeiras premissas do pensamento têm origem em processos mentais fora de nosso domínio consciente.

Esses processos são poeticamente explicados na seguinte passagem:

“Quando comunico meu pensamento e meus sentimentos a um amigo que me inspira muita simpatia, de modo que meus sentimentos passem para ele e que eu tenha consciência daquilo que ele está sentindo, será que não estou vivendo tanto em seu cérebro quanto no meu – quase que literalmente? É verdade que minha alma animal não está ali, porém minha alma, meu sentimento, pensamento, atenção, estão. Se assim não for, um homem não será uma palavra, é verdade, mas, sim, algo bem mais pobre. Há uma noção bárbara e miseravelmente material segundo a qual um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo; como se ele fosse uma coisa! Uma palavra pode estar em dois lugares ao mesmo tempo; (...) e creio que o homem não é em nada inferior à palavra, sob este aspecto. Todo homem tem uma identidade que transcende em muito o mero animal – uma essência, um significado, por mais sutil que possa ser. Ele não conhece sua significação essencial; de seu olho é o olhar.” (PEIRCE, 1990:309).

Peirce destaca neste contexto a capacidade especial de procriação do homem, que, podendo projetar sua identidade em outrem, por intermédio de suas sínteses criativas, contribui, por assim dizer, na formação de um novo ser. Esse novo ser não se refere a minha projeção original, mas ao resultado dialético decorrente das diversas experiências de um sujeito posicionado no mundo.

E o autor nos auxilia na compreensão desse fenômeno salientando que

“A essência de que falo não é toda a alma do homem: é apenas seu âmago, que carrega consigo toda a informação que constitui o desenvolvimento do homem, seus sentimentos totais, intenções, pensamentos. **Quando eu, isto é, meus pensamentos, entro em outro homem, não levo comigo necessariamente todo meu ser, mas o que levo de fato é a semente de toda a minha essência, carrego a de todo meu ser concreto e potencial. Posso escrever sobre o papel e, deste modo, nele imprimir uma parte de meu ser; essa parte de meu ser envolve apenas aquilo que tenho de comum com todos os homens, é uma determinação especial da alma genérica da família, da classe, da nação da raça a que ele pertence...**” (PEIRCE, 1990:310) (grifos nossos).

## 5 SEMIOSE E INTERPRETAÇÃO

Ao analisar a produção teórica de Peirce envolvendo o tema da significação, é possível

observar que o autor já evidenciava um movimento tenso em torno do desejo de controle da semiose.

Contudo, essa perspectiva requer que seja redimensionado o entendimento acerca das noções de semiose e interpretação. Isso se deve ao fato de essas noções envolverem as possibilidades concretas de determinação e controle da semiose por parte dos criadores e receptores. Compreender esse movimento envolvendo interpretação e criação significa, necessariamente, estabelecer uma distinção entre semiose e interpretação.

Tal distinção torna-se pertinente porque no interior desse debate algumas indagações apresentam-se reiteradas vezes. Senão, vejamos:

- Qual é a margem de determinação do criador sobre o sentido construído na instância receptiva?
- Como se estabelecem os limites de ação do criador e do receptor na gestão do sentido de um dado signo?

Enfrentar tais questões requer que retomemos o sentido dado por Peirce ao conceito de semiose, que é definida nos seguintes termos:

“A ação dinâmica, ou ação de força bruta, física ou psíquica, ou tem lugar entre dois sujeitos (tanto se reagem igualmente um sobre o outro, ou um é paciente e o outro o agente, inteira ou parcialmente) ou de uma forma qualquer resultante de ações similares entre pares. Mas **por” semiose “entendo, pelo contrário, uma ação ou influência que consiste em ou envolve a cooperação de três sujeitos, o signo, o objeto e o interpretante, influência trirrelativa essa que não pode, de forma alguma, ser resolvida em ações entre pares.** *Semeiosis*, no período grego ou romano, à época de Cícero já, se bem me recordo, significava a ação de praticamente qualquer espécie de signos; e a minha definição confere a tudo o que assim se comporta a denominação de ‘signo’.” (PEIRCE, CP 5484)<sup>6</sup> (grifos nossos).

---

<sup>6</sup> Yet this does not quite tell us just what the nature is of the essential effect upon the interpreter, brought about by the semiosis of the sign, which constitutes the logical interpretant. (It is important to understand what I mean by semiosis. All dynamical action, or action of brute force, physical or psychical, either takes place between two subjects [whether they react equally upon each other, or one is agent and the other patient, entirely or partially] or at any rate is a resultant of such actions between pairs. But by "semiosis" I mean, on the contrary, an action, or influence, which is, or involves, a cooperation of three subjects, such as a sign, its object, and its interpretant, this tri-relative influence not being in any way resolvable into actions between pairs. {Sêmeiōsis} in Greek of the Roman period, as early as Cicero's time, if I remember rightly, meant the action of almost any kind of sign; and my definition confers on anything that so acts the title of a "sign").

Conforme é possível notar, nessa passagem de Peirce, a semiose é, pois, um produto resultante do processo natural do signo, ou seja, a geração *ad infinitum* dos interpretantes. Tais interpretantes remetem, sempre, para frente o destino e a completude da cadeia sógnica, apresentando um tipo de opacidade que não nos permite capturá-lo de modo definitivo.

Ao delimitar a semiose nestes termos, Peirce deu ao conceito um caráter mais amplo, desvinculando-o de um possível estreitamento que poderia torná-lo um produto objetivo circunscrito apenas às ações humanas. Tal observação parece, do nosso ponto de vista, fundamental, sobretudo porque, conforme salienta Eco, Peirce não se interessou ostensivamente pelos objetos enquanto propriedades, mas como ocasiões e experiências ativas. Contudo, ressalta-se que esse ponto de vista nada tem de idealismo, conforme aponta Eco:

“O círculo da semiose se fecha a todo instante e jamais se fecha. O sistema de sistemas semióticos, que poderia parecer um universo cultural idealisticamente separado da realidade, de fato leva a agir sobre o mundo e a modificá-lo; mas cada ação modificadora se converte, por sua vez, num signo e dá origem a um novo processo semiótico.” (ECO, 1979:30).

Eco estabelece em sua análise uma distinção fundamental entre interpretação e semiose, destacando que, sob a primeira, repousam as possibilidades mais concretas de intervenção humana, enquanto que, sob a Segunda, o poder de determinação fica mais vinculado à ação natural do signo.

Neste caso, o interpretante, produto objetivo da relação entre objeto e signo, não impõe, necessariamente, restrições quanto ao sentido correto a ser apreendido. A semiose sempre vai gerar algum interpretante, quer seja ele convergente ou divergente àquele presente na relação sógnica, pois

“O signo é capaz de determinar o interpretante porque dispõe do poder de gerá-lo, ou seja o interpretante é uma propriedade objetiva que o signo possui em si mesmo, haja um ato interpretativo particular que o atualize ou não. O interpretante é uma criatura do signo que não depende estritamente do modo como uma mente subjetiva, singular, possa vir a compreendê-lo.” (SANTAELLA, 1995:85).

A interpretação, por seu turno, é mais restritiva na direção da compreensão correta do objeto. Sendo assim, exige a delimitação dos rumos a serem tomados na direção da interpretação.

Em função disso, é possível estabelecer critérios definidores da boa ou má

interpretação de um dado produto comunicativo. Todavia, no caso da semióse, esse juízo de valores não se coloca de forma tão definitiva, visto que o signo compreendido ou não tem o poder de gerar alguma semióse possível, quer seja no nível da primeiridade, da secundidade ou da terceiridade, inaugurando, assim, uma cadeia sógnica que ocorre *ad infinitum*.

## **6 INTERFACES ENTRE SEMIÓTICA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Os debates contemporâneos, sobretudo aqueles que ganharam corpo a partir do final da década de 80, davam conta de que uma onda tecnologizante começava a ocupar os lugares antes compreendidos como espaços específicos da expressão humana. Tal fato colocou em evidência as inquietações em relação às repercussões decorrentes da adoção das novas mediações criativas, bem como suas implicações na constituição dos processos de criação e recepção. Verifica-se nesses debates um temor excessivo quanto à possível desumanização da criatividade, demarcada, sobretudo pela provável autonomização dos processos.

A dinâmica dos referidos debates teve como consequência um estreitamento na compreensão acerca das reais potencialidades das tecnologias, que passaram a ser vistas sob esse prisma como entidades autônomas, capazes, portanto, de imaginar e criar. Nessa direção, constata-se que a excessiva preocupação com a viabilidade tecnológica dos estudos engessou por alguns anos o potencial criativo presente no âmbito da Ciência da Informação.

Nas últimas décadas, os dispositivos tecnológicos tiveram a sua centralidade questionada no âmbito da Ciência da Informação. Tal questionamento deveu-se em grande parte à impotência semiósica desses dispositivos. Nesse sentido, ficou evidente que a tecnologia em si é incapaz de prover processos de significação autônomos.

Tais indagações abriram o caminho para se pensar a informação de uma perspectiva mais ampla.

A Ciência da Informação tem por objetivo compreender as relações humanas mediadas pela informação e os desdobramentos dessa ação. Busca para tanto compreender, do ponto de vista do sujeito, os aspectos sociais e técnicos envolvidos na ação de produzir, sistematizar, organizar, disseminar e recuperar informação. Tais informações são sustentadas organicamente por ferramentas, objetos, processos e manifestações culturais, sociais e organizacionais.

A Semiótica, por seu turno, refere-se a um ponto de vista a partir do qual é possível

conduzir uma investigação. Para Deely (1985, p.36),

“A razão é que implícitos no ponto de vista semiótico estão uma nova definição e um novo entendimento da realidade, isto é daquilo que consideramos ‘o real’ na medida em ele se constitui um objeto de preocupação na experiência humana.”

Acredita-se que pensar a informação do ponto de vista semiótico pode enriquecer a nossa compreensão desse fenômeno e contribuir para o aprimoramento das ações desenvolvidas pelos profissionais da informação que, há muito se tornaram elemento indispensável na mediação entre usuário e informação. O ponto de vista semiótico pode contribuir para o alargamento da noção de informação compartilhada atualmente no âmbito da Ciência da Informação.

Parece-nos que ao enfatizar o caráter processual da informação, a CI poderia migrar o foco de atenção das ferramentas e suportes para os processos de significação empreendidos pelos sujeitos cognoscentes juntos aos sistemas informacionais concretos. Tais alterações poderiam resgatar a centralidade humana nos processos de significação e consolidar de forma mais efetiva e orgânica o diálogo entre a Semiótica e a Ciência da Informação em torno do fenômeno informacional. Esse movimento permitiria à Ciência da informação ir além da arbitragem das relações informacionais na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1990. 217 p.
- CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e Ciência da Informação**. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib> Acesso em: 1 nov.2003.
- COLAPIETRO, Vicent, OLSHEWSKY, Thomas ( eds.) **Peirce's Doctrine of signs; theory, applications, and connections**. Berlin, New York:Mouton de Gruyter, 1995.
- DEDALLE, Gerard. **Charles S. Peirce; phenomenologie et semioticien**. Amsterdam: J. Benjamins, 1987.
- DEELY, John. **Semiótica Básica**. São Paulo, 1990. 192p.
- DOMINGUES, Ivan (org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. 411 p.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula; a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1979. 219 p.
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.282 p.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélide. Escopo e abrangência da Ciência da informação e a pós-graduação na área: anotações para um reflexão. **Transinformação**, Campinas, v.15,

n.1, p. 31-43, jan./abr. 2003.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O objeto de estudos da ciência da informação. **Cin. Inf.**, Brasília, v. 19, n.2, p. 117-122, jul./dez. 1990.

JOHANSEN, Jorgen Dines. **Dialogic semiosis**; an essay on signs and meaning. Indianapolis: Indiana University Press, 1993.

MERRELL, Floyd. **Semiotic foundations**; steps toward and epistemology of written texts. Indiana University Press, 1982. 181 p.

MOURA, Maria Aparecida. **Semiótica e mediações digitais**: criação e recepção de hipermídias. São Paulo: PUC/SP, 2002 (tese de doutorado em Comunicação e Semiótica).

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

PEIRCE, Charles S. **Peirce Papers**. 32 rolos de microfílm de los manuscritos conservados en la Houghton Library. Cambridge: Harvard University Library, Photographic Service. 1966.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1990. 337 p.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Versão eletrônica.

PEIRCE, Charles Sanders. **Peirce**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia**; textos escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1972. 164p.

PINTO, Júlio. Semiótica e informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v.1, n.1, p.87-92, jan./jun.1996.

PLAZA, Júlio. **Sobre tradução intersemiótica**. São Paulo: PUC/SP, 1984. 279p.

SANTAELLA, Lúcia. **A percepção**, uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos**; como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos**; semiose e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **Abduction and the limits of formalization**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~cos-puc/interlab/santaell/index.html>

SANTAELLA, Lúcia. Difficulties and strategies in applying Peirce's semiotics. **Semiótica**, v.97, n.3/4, 1993.p.401-410.

SANTAELLA, Lúcia. Difficulties and strategies in applying Peirce's semiotics. **Semiótica**,v.97, n.3/4, 1993.p.401-410.

SANTAELLA, Lúcia. **Metodologia Semiótica**, fundamentos. São Paulo: USP, 1993. 251p. (tese de livre docência)

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1986.114 p. (Coleção Primeiros Passos, 103)

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da Informação**; origens, evolução e relações. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1996.25p. Trad. Ana Maria Pereira Cardoso.

ZECCHETTO, Victorino (coord.). **Seis semiólogos em busca del lector**: Peirce, Greimas, Eco, Verón. Buenos Aires: la Crujía, 2005.

## ABSTRACT



The Information Science is a field of knowledge characterized by an interdisciplinary aspect. This is mainly due to the information, object of studies shared by CI and different areas of knowledge. In the last years, countless empirical and theoretical studies were developed, which evidenced the existent interfaces between the Information Science and the Semiotics. Such interconnections are due, above all, to the fact that the Information Science demands a better understanding of the information that relates to the processes of significance. In that article, the idea is to identify the existing points of convergence between the Information Science and the Semiotics, in view to enlarge the understanding of the information phenomenon in the contemporary age through the theoretical and practical perspectives resulting from that interaction.

**KEYWORDS:** Information.. Information Science. Semiotics.

*Originais recebidos em: 15/06/2006.*